

FOLCLORE E EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO DE RESILIÊNCIA EM UMA PANDEMIA

ALEXANDRE HENZEL BARCELOS¹; GERALDO OLIVEIRA DA SILVA²; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – alexandrehenzelbarcelos@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – geraldooliveira23041997@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – rosemiranda.educampoufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este texto relatará a importância do trabalho com o tema folclore em tempos de pandemia, é um relato baseado na observação feita na oficina online “O trabalho com folclore na alfabetização”, que é uma das ações do projeto de Extensão “Folclore e Educação” e que foi oferecida durante a primeira etapa do calendário alternativo da UFPEL.

Como essa oficina transitou por áreas como educação e antropologia foi levantado um questionamento sobre como o folclore poderia ajudar nesses tempos de tensão mundial, vivido em 2020, em função da pandemia de Covid 19. Nos perguntamos qual seria o impacto dessa oficina nos seus estudantes, então começamos olhar as relações que os alunos faziam com as atividades e com o conteúdo, olhamos com a lente teórica de Brandão (1982), que considera o folclore como alma de um povo, como símbolo máximo de resiliência de uma civilização, mesmo que em situações graves a população veja esperança e conforto através de suas tradições.

Nesse sentido o objetivo desse trabalho é mostrar o impacto dessa oficina no psicológico dos seus estudantes e como ajudou eles a terem resiliência nesse momento tão difícil que é uma pandemia mundial.

2. METODOLOGIA

Primeiramente a realização da oficina é resultado de estudos da nossa orientadora, que organizou uma oficina online no ambiente Moodle Acadêmico da UFPEL para atender professores de Educação Básica e acadêmicos dos cursos de Licenciatura da UFPEL. As tarefas foram construídas de forma a incentivar o diálogo entre todos os participantes, com propostas de atividades lúdicas e materiais de estudo que partissem de seus cotidianos para chegar aos estudos teóricos. A opção do ambiente moodle ocorreu porque

O Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é um ambiente virtual de aprendizagem que, segundo seu criador Martin Dougiamas, trabalha com uma perspectiva dinâmica da aprendizagem em que a pedagogia socioconstrutivista e as ações colaborativas ocupam lugar de destaque. Nesse contexto seu objetivo é permitir que processos de ensino-aprendizagem ocorram por meio não apenas da interatividade, mas principalmente pela interação, ou seja, privilegiando a construção /reconstrução do conhecimento, a autoria, a produção de conhecimento em colaboração com os pares e a aprendizagem significativa do aluno. (SILVA, 2010: p. 16)

Essa possibilidade de integração oportunizada pela plataforma Moodle, aliada ao fato dessa plataforma oportunizar trabalhos com características autorais dos participantes era exatamente o que a equipe de do projeto “Folclore e

Educação" buscava para montar oficinas em um espaço online para atender um grande grupo envolvendo professores da Educação Básica e licenciandos.

A oficina foi dividida em 2 turmas com mais de 50 participantes em cada uma. Foram homologadas 100 vagas para cada turma, mas o número dos que efetivaram as matrículas no ambiente virtual Moodle da UFPEL foi inferior, foram 70 participantes na turma 1 e 56 na turma 2. Ambas as turmas tiveram evasão devido a problemas com dificuldades para trabalhar com o ambiente virtual (era novidade para muitos), alguns participantes tiveram problemas com seus computadores que estragaram durante o processo, outros adoeceram. Isso fez com a turma 1 concluisse suas atividades com 45 participantes e a turma 2, que iniciou as atividades depois, e que ainda está em andamento, já tendo concluído 60% de suas atividades, esteja com 50 participantes.

No início das atividades da primeira turma, como um dos integrantes do grupo "Folclore e Educação" comecei a fazer observações com o intuito de analisar a oficina online e o desenvolvimento dos participantes nessa nova modalidade. Nesse processo eu, além de realizar as tarefas em conjunto com os demais participantes da turma 1 e incentivar a participação deles nos fóruns de diálogos, expus-me para o grupo e reuniu-me diversas vezes com a coordenação do projeto e demais colegas para expor e analisar o que estava observando e buscar aprofundamento teórico através do estudo dos materiais da oficina e que orientaram ela. Autores como ARAÚJO (2004), MEGALE (2003), PEREIRA (2007) e LIMA (1972).

Ao longo desse processo utilizei algumas categorias que foram: **(1)** participação; **(2)** formas de participação; **(3)** conteúdos; **(4)** relação do participante com conteúdos. Após a análise, a partir dessas referências, busquei observar o impacto das atividades da oficina nos participantes, o passo final é a comparação do que foi observado com as avaliações que os participantes estão realizando da oficina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando eu comecei a participar da oficina me apaixonei cada vez mais pela cultura popular e sua relação com a educação, ela possibilitou que me aproximasse da minha infância e das raízes da minha família. Sou portador de TEA, Transtorno do Espectro Autista ou Autismo, e tenho disfunção executiva (problema que tenho trabalhado com minha psicóloga), demoro muito para fazer as coisas, a participação como monitor da oficina me deu o tempo necessário para realizar as atividades e leituras fazendo com que construísse a percepção do sentimento de acolhimento pela cultura popular.

Percebi através da minhas observações das respostas dos participantes para as tarefas e dos diálogos deles nos fóruns, que muitos tem muita saudade do antigo carnaval de Pelotas, demonstram orgulho da semana farroupilha, respeitam os símbolos do campo e dos produtores do Rio Grande do Sul, principalmente através de suas festas. Uma das principais festas ressaltadas por uma parte dos participantes foi a festa junina, realizadas nas escolas e que as pessoas vivenciaram nas suas infâncias e adolescências, festa essa que deixou muitas lembranças na vida. Foi possível perceber a importância pedagógica e para comunidade, dos festejos que foram realizados na escola, que foram incorporados pelas ações da comunidade escolar.

No momento estou analisando a segunda turma dessa oficina e também preparando outra oficina. Obtive resultados satisfatórios em relação ao meu questionamento inicial, observei que os alunos ficaram mais felizes em trabalhar

esse tema, porque além de trabalharem com suas memórias, também se aproximaram de elementos da sua região e do seu povo sem sair de casa, isso é interessante pois começaram a ficar mais resilientes nesses tempos difíceis.

A avaliação da oficina realizada ao final da primeira turma revelou aspectos importantes para o planejamento de novas oficinas e cursos do projeto. Abaixo iremos colocar algumas falas dos participantes nos documentos de avaliação que nos encaminharam:

Selecionei o que alguns participantes relataram como positivo. As respostas que selecionei envolvem questões presentes, ou semelhantes às respostas dos demais. Para manter o anonimato iremos os identificar com letras do alfabeto:

“Eu gostei bastante das atividades de Culinária e Plantas medicinais, eu não fazia ideia que tinha tanto chá. Essas atividades eu precisei da ajuda da minha mãe pois não conheço muito. Além dessas duas que mencionei, gostei muito das lendas confesso que fiquei com medo de ler os relatos, mas foi muito interessante.” (Participante A)

“Foram as atividades que por diversos momentos voltei a minha infância para poder realizar.” (Participante B)

“Eu gostei de todas as atividades, todas me entusiasmaram a fazê-las e achei elas muito criativas.” (Participante C)

“A confecção de atividades para trabalhar com a alfabetização.” (Participante D)

“De aprender a criar atividades de alfabetização em contexto com músicas e brincadeiras do conhecimento popular.” (Participante E)

A segunda questão da avaliação questionava o que os participantes não tinham gostado, para nossa surpresa quase todos adoraram todo o curso sem reclamações, apenas duas participantes destacaram aspectos que não agradaram, uma das participantes não gostou de um trabalho com redação que ocorreu na última semana da oficina. E outra não gostou do tamanho de alguns dos textos estudados conforme pode ser observado na fala dela abaixo:

“Não seria o caso de não ter gostado. Pela forma como estamos vivendo, ou talvez por falta de saber gerenciar meu tempo, dividindo as atividades em casa com as aulas remotas, considerei alguns textos extensos.”

Por fim, na última questão da avaliação solicitamos que nos indicassem temas/conteúdos que gostariam de estudar em outras oficinas/cursos, destacamos algumas propostas dos participantes que em alguns momentos nos apontam desejos de continuar com os estudos sobre o trabalho com folclore (na penúltima questão 77,3% manifestaram esse desejo) e por outro apontam brechas que ficaram em seus processos formativos. Continuaremos indicando os diferentes participantes por letras.

“História do Rio Grande do Sul, sinto falta disso na graduação e tive uma disciplina sobre o assunto, mas que não foi muito aprofundada. E na minha visão folclore tem muito haver com a História do Rio Grande do Sul.” (Participante A)

“Formas de trabalhar com o tema folclore e a matemática.” (Participante B)

“Talvez algo relacionado a educação infantil.” (Participante C)

“Eu gostaria que aprofundassem mais as lendas, acho um assunto interessante de ser estudado e que me gera muita curiosidade. Origem delas, o que as pessoas acham sobre elas, relatos etc.” (Participante D)

“Quem sabe um módulo sobre brincadeiras indígenas.” (Participante E)

Ocorreram muitas outras sugestões que também envolviam culinária, brincadeiras tradicionais, superstições, culturas de outros povos. O grupo que

permaneceu no curso até o fim participou com grande envolvimento e empolgação das atividades. Aspectos que também estamos observando na segunda turma que está em andamento.

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho inovou ao se propor a tentar criar uma linha tênue entre trabalhar algo que os alunos gostam de fazer e um conteúdo complexo do campo pedagógico, mostrando que é possível criar um ambiente agradável e interativo para aprendizagem em um período de pandemia resgatando o prazer das pessoas em relação a vida.

Por fim gostaria de registrar que acredito que Folclore é alma de um povo, um rio onde a pessoa nada todos os dias sem perceber, mas nós precisamos dele para saber quem somos e onde queremos chegar. Visto isso, é incabível ele, o folclore, não estar na alfabetização. Acredito que educar com a realidade e com conhecimento do povo tem um papel fundamental na alfabetização pois o ser humano está sendo representado pelo objeto que está estudando.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional III: ritos sabença, linguagens, artes populares e técnicas tradicionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LIMA, Rossini Tavares. **Abecê do folclore**. São Paulo: Ricordi, 1972.
- MEGALE, Nilza B. **Folclore brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PEREIRA, Natividade. **Cultura Popular e folclore na educação: brincadeiras, artesanato, superstições e músicas**. São Paulo: Paulinas, 2007
- SILVA, Robson Santos da. **Moodle para autores e tutores**. São Paulo: Novatec Editora, 2010.